

Liberdade e angústia em *O Conceito de Angústia* de Kierkegaard

Jadson Teles Silva[1]

Resumo: *O Conceito de Angústia* de Søren Kierkegaard inaugurava o tema da angústia como um assunto de caráter filosófico. Reconhecidamente denso este pequeno tratado do filósofo dinamarquês repercute até hoje encontrando ressonância em pensadores contemporâneos como Heidegger. Em *O Conceito de Angústia* encontramos vários campos do conhecimento se entrecruzando, desde a psicologia, passando pela teologia e notadamente se encerrando na filosofia, essa estrutura dota-o de uma complexidade impar já que abre flancos para vários caminhos interpretativos. O texto ainda apresenta um forte diálogo crítico com uma dada tradição cristã e demonstra sua filiação a filosofia hegeliana de forma tensa. Este trabalho visa apresentar a relação entre liberdade e angústia presente neste texto. Segundo o dinamarquês a angústia é algo constituinte da natureza humana, e ao mesmo tempo em que joga o indivíduo para um precipício de possibilidades o impulsiona a se tornar singular e responsável pela sua existência concreta. Encontramos ainda uma intensa relação entre os conceitos de pecado, queda, inocência e culpa compreendidos de forma polêmica pelo autor, já que ele faz uma leitura fora dos padrões da filosofia cristã, principalmente aquela consolidada por Agostinho.

Palavras chaves: Kierkegaard; Angústia; Liberdade.

[1] Formado em Filosofia pela Universidade Federal do Sergipe; Mestrando em Filosofia pela Universidade de Brasília (UNB) e membro do Grupo de Pesquisa em Filosofia da Religião UNB/CNPQ.

O Conceito de Angústia *de Kierkegaard é um livro enlouquecedoramente difícil.*
Gordon Marino

Introdução

Em 1844 o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard publicava sob o pseudônimo de Vigilius Haufniensis, que significa algo como *O Vigia do porto ou o vigia de Copenhague*[2]*,* um dos livros que seria paradigmático em sua obra: *O Conceito de Angústia.* Neste pequeno e denso tratado, o filósofo investiga o tema da angústia como algo intrínseco à constituição do homem e de como ela é necessária na formação do indivíduo. De certo, este livro viria a ser o preferido de muitos filósofos ditos existencialistas como Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre, Karl Japers, entre outros. *Uma simples reflexão psicológico-demostrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis* é o curioso subtítulo que marca os pressupostos da proposta kierkegaardiana. Ou seja, além de utilizar estrategicamente a comunicação indireta, ele tem como pano de fundo conceitos relacionados à dogmática e à psicologia[3] para investigar o tema da angústia relacionada dialeticamente com os conceitos de pecado e liberdade. Definindo a ciência a qual o estudo da angústia pertence, a saber: a psicologia. Contudo, o pecado não tem lugar na ciência e pode em algum aspecto ser tratado pela dogmática, porém se for tratado em outra esfera pode cair ou no trágico ou no cômico.

Nesta obra, Kierkegaard abre um diálogo tanto com a tradição hegeliana de seu tempo, quanto com a tradição católica e protestante, tendo em Agostinho seu principal interlocutor, ora se aproximando, ora se afastando das concepções do filósofo de Hipona. Vigilius Haufniensis passa em vista os conceitos de Pecado Original, Pecado Hereditário,

[2] Lembramos que a cidade de Copenhague é uma cidade portuária.

[3] Vale ressaltar que ciência e psicologia neste contexto têm outro sentido que não o sentido atual.

Queda, Inocência, polemizando muitas vezes com os argumentos tradicionais para levantar seus argumentos acerca do conceito de angústia.

À primeira vista este pequeno e denso tratado sobre a angústia poderia soar apenas como um livro sistemático de teologia, mas ele é um livro de filosofia, que versa sobre a existência concreta diante do fenômeno religioso, como notoriamente afirma Álvaro Valls:

> O Conceito de Angústia não é, se esse pseudônimo compreende bem, um livro abstrato, sistêmico, capaz de captar o pecado em sua rede conceitual. Fala de Adão e de Eva, sem ser exegese bíblica. Kierkegaard personifica os problemas: sensualidade em Don Juan, dúvida em Fausto, desespero no Judeu errante, fé em Abrão, ser cristão em Paulo... por que não personificar, na figura de Adão, a liberdade, capaz de pecar? (VALLS, 2010, p. 177)

Para Haufniensis, a tradição sempre caía no erro na tentativa de explicar ou mesmo de identificar o conceito de primeiro pecado ao de pecado hereditário, de forma que sempre restava a fantasia da queda. Deste modo, ele propõe uma nova leitura do Gênese, livro bíblico, no qual a estória de Adão é narrada, para demonstrar como a angústia principia no homem desde seu estado de inocência que se dá antes do pecado e que o acompanha por toda sua existência. Portanto, a angústia faz parte do gênero humano, é um estado que manifesta a relação do humano com aquilo que está a sua volta, com o mundo e com o infinito de possibilidades.

Este trabalho, contudo, deter-se-á no problema da liberdade no contexto em que a figura bíblica de Adão é o arquétipo da investigação kierkegaardiana, deste "primeiro homem" que foi posto diante da possibilidade de liberdade, por isso: *o pecado entrou no mundo por meio do pecado.* Não foi com Adão, como prega uma certa tradição cristã, porém o primeiro pecado é resultado do salto qualitativo tanto para o primeiro homem como para o homem posterior[4]. O pecado de Adão não é o

[4] Jonas Ross alerta que o primeiro homem e homem posterior são apenas definições para demarcar a relação entre Adão e os outros indivíduos, não significa afirmar Adão como um sujeito histórico, mas com um arquétipo.

pecado do gênero humano, ele ocorre no salto qualitativo, assim é para ele como para qualquer um do gênero humano. A angústia se dá diante da liberdade que põe asas no homem e o empurra diante de um precipício das possibilidades, a angústia é "a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade" (KIERKEGAARD, 2010, p.45)

O pecado entrou no mundo por meio do pecado, não foi Adão responsável pela queda de todo um gênero, ou seja, o pecado pressupõe a si mesmo e ele ocorre através do salto. Isto é algo misterioso, que não tem explicação. O salto é algo que acrescenta qualidade ao homem, ele é qualitativo. Ocorre no instante do salto a síntese entre a alma e o corpo, tal síntese é o espírito. O homem é síntese entre o corpóreo e a alma: o homem é espírito. No entanto, o gênero humano é determinado por relações quantitativas, a hereditariedade do pecado é "apenas a expressão da eternidade", nada pode acrescentar de qualitativo ao indivíduo.

A relação entre os conceitos de inocência, queda e angústia

Toda a trama conceitual utilizada por Kierkegaard é também uma ironia e um diálogo com Hegel e os hegelianos de sua Dinamarca, que incorporaram conceitos hegelianos à teologia no seu tempo. Durante a leitura do texto percebemos claramente a utilização de termos conceituais tipicamente hegelianos, como: síntese, mediação, superação. Sob a pena de Haufniensis, Kierkegaard se opõe claramente às ideias de imediato e de inocência posta por Hegel em sua Lógica. Contudo, vale lembrar que Jon Stewart considera Kierkegaard muito mais próximo de Hegel do que se costuma apontar, seu trabalho reconsidera que a crítica de Kierkegaard presente no Conceito de Angústia se direcionava de forma indireta aos teólogos de sua época, figuras como Adler, Martensen e Heiberg, e não a Hegel, apesar deste ser diretamente atacado por Kierkegaard. Na verdade é a interpretação equivocada que estes pensadores fazem de Hegel, ou seja, é o Hegel domesticado pelos intelectuais dinamarqueses que Kierkegaard visa atacar.

Segundo o filósofo de Copenhague, inocência e imediatidade são

conceitos tratados em âmbitos diferentes. O primeiro pertence à ética e o segundo a lógica, Hegel, no entanto, tratou ambos os conceitos na esfera lógica. Desta forma, afirma Jon Stewart em seu trabalho sobre a relação de Kierkegaard e Hegel:

> A interpretação de Vigílius Haufniensis acerca da inocência difere daquela feita por Hegel em sua ênfase. Hegel vê a inocência como o início do movimento de imediatidade para a mediação e imediatez mediada. Em contrapartida, Vigílius Haufniensis caracteriza fundamentalmente inocência como ignorância. Para Haufniensis, o movimento é da inocência à culpa. A alegação principal é que há uma qualitativa diferença entre esses dois estados. Esta diferença é retirada quando a inocência é concebida como imediata e a culpa como mediação. Imediatidade e mediação são categorias imanentes, mas culpa é algo transcendente à inocência, já que ela vem de fora e introduz um estado qualitativamente novo. Esta parece ser a objeção principal a conceber inocência enquanto imediatidade. (STEWART, 2003, p.416)

Com efeito, a lógica não pode explicar o homem, pois a existência é puro contingente, ela é a conjunção de condições que exigem que o possível se realize, não há um necessário, mas o indeterminado. O homem tem uma existência concreta e não especulativa, e ao confrontar-se com a angústia das possibilidades ele torna-se singular. Por isso a angústia é existência individual. Hegel, no entanto, afirma que o eu e o não-eu desaparecem na união do saber absoluto, enquanto que para Kierkegaard o indivíduo está sujeito à angústia, as possibilidades de sua relação com o mundo. Jon Stewart adverte que:

> O plano da liberdade histórica é de forma presumível introduzida para constituir uma diferença com o plano da lógica. Na primeira, a transição e o movimento tomam seu lugar em termos de saltos qualitativos radicais de um estado a outro. Em oposição, na lógica só existe aumento ou decréscimo quantitativo e gradual, mas nenhuma mudança radical em substância e, portanto, nenhum movimento real (STEWARTt, 2003, p.416).

Para Kierkegaard, inocência é ignorância e é pela culpa que a inocência desaparece. Segundo Stewart, a inocência é um estado de pura

natureza, sair deste estado é entrar na esfera do histórico e é aí que o pecado torna-se a determinação da liberdade, porém essa liberdade ou a possibilidade da liberdade torna-se fundamento da angústia no estado de inocência. Pois, no estado de inocência o espírito não encontra conflitos ou tensões, o que existe é efetivamente o nada, e é o nada que de forma dialética possibilita a entrada da culpa. Quando Adão torna-se consciente da culpa neste instante ele também deixa de ser inocente, a consciência ocorre no ato da síntese do espírito e assim é com qualquer homem posterior:

> Ora, é antiético dizer que a inocência deva ser superada, pois se ainda que o fosse no instante em que viesse a ser mencionada, a ética não permite esquecer que a inocência não pode ser anulada senão pela culpa. Se alguém fala, pois, da inocência como algo imediato, e com a rudeza indiscreta da lógica deixa desaparecer essa coisa volátil [...] Como Adão perdeu a inocência pela culpa, assim a perde todo e qualquer homem. Se não foi pela culpa que a perdeu tampouco foi a inocência o que perdeu, e se ele não era inocente antes de torna-se culpado, então jamais se tornou culpado (KIERKEGAARD, 2010, p.38).

A consciência da culpa só se dá pelo salto qualitativo, antes da queda o espírito ainda não entrou em síntese, ou seja, ele está em estado de repouso, se relacionando com o nada. O nada é justamente o objeto pelo qual ele se angustia, por isso Haufniensis afirma que inocência é ao mesmo tempo nada. No estado de inocência o homem se vê como um espírito que sonha e sua realidade se encontra em possibilidade de efetivar-se, mas enquanto repouso ele não tem entendimento, é apenas projeção, logo ele se angustia diante do nada, o espírito está determinado na angústia do nada, diante da possibilidade da realidade da liberdade, mas só através do salto ele consegue alcançar a síntese, enquanto isso a angústia se põe como "realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade" .

Em Kierkegaard, a angústia possui determinações dialéticas devido a sua ambiguidade psicológica, ora ela atua singelamente no espírito, ora estranhamente. Ao mesmo tempo em que o espírito no estado da

inocência ama a angústia, ele procura evitá-la. Haufniensis aponta que a angústia no estado de inocência não é a mesma coisa que a culpa ou um pesadelo, um sofrimento insuportável, é por isso que podemos pensar em uma espécie de angústia no paraíso. Isso não é uma contradição, pois ela se apresenta como uma "doce ansiedade harmonizada com a felicidade da inocência" (KIERKEGAARD, 2010, p.48). A angústia no estado de inocência põe o espírito numa ansiedade do nada, em um infinito de possibilidades indefinidas.

Na narrativa do livro bíblico do Gênese, Deus ordena para Adão não comer do fruto proibido, o fruto da ciência. Sobre essa passagem Vigilius Haufniensis faz uma interpretação, no mínimo polêmica, ao afirmar que a palavra proibição nada significaria a Adão. Pois, ele não sabe distinguir o bem do mal estando no estado de ignorância do nada. Contudo, esta palavra desperta o desejo, lançando Adão a um insípido saber acerca da liberdade, este saber, no entanto, é pura angústia, é nada mais que um alerta da possibilidade de liberdade. Deste modo, afirma Haufniensis:

> Pois quando se admite que a proibição desperta o desejo, obtém-se ao invés de ignorância um saber, pois neste caso Adão deve ter tido um saber acerca da liberdade, uma vez que o prazer consistia em usá-la. Está explicação é, portanto, *a posteriori*. A proibição o angustia porque desperta nele a possibilidade da liberdade. O que tinha passado despercebido pela inocência como o nada da angústia, agora se introduz nele mesmo, e aqui de novo é um nada: a angustiante possibilidade de ser-capaz-de. Ela não tem nenhuma ideia do que é que ela seria capaz de fazer, pois de outro modo se pressupõe, certamente - como em geral se sucede – o que só vem depois, a distinção entre bem e mal. Existe apenas a possibilidade de ser-capaz-de, enquanto uma expressão superior da ignorância, porque essa capacidade, num sentido superior, é e não é, porque num sentido superior ela a ama e foge dela (KIERKEGAARD, 2010, p.48).

Jonas Ross elucida melhor esse aspecto. Segundo ele, não há uma relação direta entre proibição e tentação, as palavras de Deus soam como enigmáticas para Adão, a proibição se relaciona com as "possibilidades

subjetivas de Adão" e ainda:

> Quando isso acontece esse despertar da possibilidade, a angústia perturba a paz da inocência, a inocência que se encontra entre a proibição e a possibilidade desconhecida. A angústia traz à tona ao sujeito suas próprias possibilidades que lhe são indefinidas (...) Os elementos externos envolvidos na história, a proibição, as palavras e juízo, aumentam a angústia internamente em Adão, levando a inocência a seu extremo (ROSS, 2007, p. 144/145).

Kierkegaard quer neste momento demonstrar a angústia elevada ao máximo na inocência, contudo, ela ainda não é pecado, e não se tornará, pois o pecado se dá pelo salto, não é algo imanente, sua relação com o homem é de transcendência, sendo assim, não é possível explicar como ele entrou no mundo, nem como ele engendrou o homem. Destarte, o filósofo dinamarquês se afasta de algumas noções comuns a Agostinho de Hipona quando este afirma, por exemplo, que:

> É a vontade desregrada a causa de todos os males. Se essa vontade estivesse em harmonia coma natureza, certamente esta a salvaguardaria e não lhe seria nociva. (...) Logo, ou a vontade é a causa primeira do pecado, e a nenhum pecado será a causa primeira do pecado, e a nada se pode imputar o pecado senão ao próprio pecador. Logo, não se pode imputar justamente o pecado a não ser a quem seja dono da vontade. Ou, afinal, a vontade não será mais a causa do pecado e, assim, não haverá mais pecado algum (AGOSTINHO, 1995, p.207).

Desta maneira, o contraste entre Agostinho e Kierkegaard fica explícito, já que para o primeiro foi o livre arbítrio, que levou o homem a pecar, mas tal conceito para o Dinamarquês, não é responsável pela entrada do pecado no mundo. O pecado é algo transcendente que adentra no indivíduo e se dá na relação do indivíduo com ele mesmo. Tanto o pecado como a liberdade não podem ser explicados a partir de argumentos objetivos que possam ser antecedentes a eles, sim assim fosse a liberdade se enceraria numa finitude de possibilidades, mas ela é infinitude de possibilidades, deste modo:

> Fazer principiar a liberdade como um *liberum arbitrium* (que não se encontra em lugar nenhum, cf. Leibnitz) que tanto pode escolher o bem como o mal como objetos da liberdade, significa conceber de modo finito tanto a liberdade quanto os conceitos de bem e mal. A liberdade é finita e aparece do nada (KIERKEGAARD, 2010, p.120).

Angústia e a possibilidade

Para Kierkegaard a realidade da liberdade não está na capacidade de decidir entre o bem ou o mal, mas antes consiste em *ser-capaz-de*. Portanto, a angústia se constitui como um elemento de determinações intermediárias, mas não é o que explica nem o salto qualitativo, nem o pecado. Sendo assim, afirma Gordon D. Marino:

> Mas, mais uma vez, a angústia é, em parte, ou visto de uma perspectiva, um pressentimento de que, como tantos outros aspectos do espírito, é dialético no sentido de que ele pode nos mover em direção ou para longe de que temos uma idéia a respeito. No entanto, por óbvias razões teológicas, é importante lembrar que sob nenhuma circunstância pode este pressentimento, que é a angústia, determinar o pecado (...). A angústia é uma manifestação do fato que somos livres. A angústia é uma luz brilhante de nossa natureza espiritual. Ela reflete a nossa relação à possibilidade e ao futuro. A angústia nos predispõe ao pecado e é a consequência do pecado (MARINO, 1998, p. 320).

Com efeito, a consequência do pecado no homem é a entrada da pecaminosidade no mundo. E com ela temos novamente a angústia. Ela não desaparece, mas aumenta quantitativamente em relação àquela de Adão. Desta forma, a angústia é mais refletida no homem através do pecado que agora é hereditário, pois se apresenta no gênero humano e é diferente do pecado de Adão apenas quantitativamente, ou seja, a angústia aparece para o homem posterior com um novo sentido, mas não põe no indivíduo qualidade.

Para Kierkegaard/Haufniensis a angústia se apresenta com um negativo-positivo, ela é algo que impulsiona o indivíduo a ser único, na construção de sua subjetividade, capacitando-o para suportar sobre os

ombros o peso da possibilidade. Pois "a angústia não é, nem neste caso nem em outro qualquer, uma imperfeição do homem, e pode-se dizer, ao contrário, que quanto mais original é um homem, tanto mais profunda será sua angústia" (KIERKEGAARD, 2010, p.58). Kierkegaard vai afirmar que a categoria de possibilidade é para o homem a mais densa, a mais pesada, é como se fosse uma grande pedra de mármore presa em suas costas e que ele arrasta até a sua salvação. Desta maneira, Haufniensis ainda afirma que:

> O pecado surgiu na angústia, mas o pecado trouxe consigo a angústia. A realidade do pecado é, com efeito, uma realidade que não tem consistência. De um lado a continuidade do pecado é a possibilidade que angustia; pelo outro lado, a possibilidade de uma salvação é por sua vez um nada que o indivíduo tanto ama como teme, pois é sempre assim a relação da possibilidade para com a individualidade. Só no momento em que a salvação é realmente posta, só então é superada esta angústia (KIEKEGAARD, 2010, p.58).

Haufniensis, depois de investigar os conceitos de inocência, primeiro pecado e queda, tentará demonstrar o que se diz a respeito da angústia objetiva e da angústia subjetiva. Quando o termo angústia objetiva é pronunciado soa estranhamente em nossos ouvidos, angústia e objetividade não são termos contraditórios, oximoros? Mas segundo o Vigia de Copenhague, angústia objetiva estaria na esfera não humana do ser, ela estaria na natureza da geração, da criação, ou seja, ela está na relação com gênero humano depois que a pecaminosidade entrou no mundo e se difere da angústia subjetiva que se relaciona diretamente com o indivíduo. Parece-me que neste ponto, Kierkegaard dá contornos metafísicos à angústia ao trazê-la de uma forma geral e ao lado de uma categoria essencialmente abstrata como é o gênero humano. Nas palavras de Vigilius Haufniensis, a angústia subjetiva é: "A vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer estabelecer a síntese e a liberdade olha para baixo, para sua própria liberdade e então agarra a finitude para nela firmar-se" (KIERKEGAARD, 2010, p. 58).

Com efeito, para Haufniensis a liberdade é paradoxalmente

restrita, já que ela é colocada para o homem na sua finitude. Por isso o espírito está o tempo todo nas idas e vindas com essa vertigem angustiante da possibilidade, e só pela fé o espírito pode se curar desta vertigem e alcançar a liberdade eterna.

Haufniensis vai demonstrar ainda, que a sensualidade não é pecaminosidade, ao menos na inocência e ela só é posta ao lado do pecado depois da geração, só então o homem a põe em relação com o pecado. No paganismo, por exemplo, o homem vivia em plena sensualidade, mas esta não era de forma alguma pecaminosidade, como a tradição judaico-cristã costuma afirmar. O pagão vivia essencialmente na angústia, seu espírito estava de forma constante em relação com o destino, com esse algo exterior que pode significar a unidade entre necessidade e contingência. O destino era como um nada angustiante, o objeto da angústia. Pois, em um instante o destino é necessidade, no instante seguinte é contingência, a relação do pagão com o destino é angústia. Com efeito, o trágico no mundo grego era algo insondável e profundo. O destino e o oráculo são ambos de natureza ambígua. Não obstante, a relação do grego na antiguidade com o oráculo é da mesma forma ambígua. O grego antigo não deixava de ir ouvir os conselhos que revelam e que ao mesmo tempo são velados, gerando um paradoxo para aquele que ouvia suas profecias, ao mesmo tempo aquele que ouvia sentia simpatia e antipatia, conservando uma espécie de angústia trágica.

Todavia, o conceito de culpa e pecado não surge no paganismo, ao menos de forma profunda, isso seria uma contradição, o grego na antiguidade clássica, por exemplo, não poderia sentir-se culpado pelo seu destino, nada seria mais contraditório, isso é algo que só ocorre no cristianismo. Tais conceitos de culpa e pecado são para Kierkegaard o que constituí o indivíduo enquanto indivíduo, e por isso ele crê que na antiguidade clássica a ideia de indivíduo não foi desenvolvida. No cristianismo nasce propriamente o conceito de culpa e do mesmo modo a liberdade, pois:

> O oposto de liberdade é a culpa e o máximo na liberdade

> está em que ela sempre tem a ver consigo mesma, em sua possibilidade projeta a culpa, e a põe, por conseguinte, por si mesma e, se a culpa é posta realmente, a põe por si mesma. Se não se prestar atenção a isso, ter-se-á brilhantemente confundido a liberdade com algo totalmente diferente: a força (KIERKEGAARD, 2010, p. 116).

Kierkegaard ou Haufniensis não concebe que a liberdade é um exercício de escolha entre o bem e o mal, ou de pecar e não pecar, mas de ser-capaz-de. Com efeito, o livre arbítrio é algo insustentável para o dinamarquês, já que o bem e mal não estão como algo exterior à liberdade. A culpa e a liberdade só se relacionam na possibilidade. E é nesta relação de possibilidade que a angústia surge como consequência, como um fruto que não é mais proibido. A liberdade ao mesmo tempo em que se distancia absolutamente da culpa, não consegue perder de vista a culpa e de forma dialética a angústia surge, fomentando um desejo interior no indivíduo para que ele renuncie a liberdade.

Abstract: *The Concept of Anxiety* by Søren Kierkegaard inaugurated the anxiety theme as a philosophical character matter. Undoubtedly dense, this small treatise by the Danish philosopher reverberates nowadays finding resonance in contemporary thinkers like Heidegger. In *The Concept of Anxiety* several interlocking knowledge fields can be found, from psychology through theology and particularly philosophy, this structure endows it with an odd complexity since it unlocks flanks for several interpretive paths. The text also presents a strong critical dialogue with a particular Christian tradition and demonstrates its affiliation with Hegelian philosophy in a tense way. This paper aims to show the relationship between freedom and anguish present in this text. According to the Danish author, the anguish is a component of human nature, and while it pushes the individual towards an abyss of possibilities it also stimulates the individual to become unique and responsible due to his/her concrete existence. One may also identify a strong relationship between the concepts of sin, fall, innocence and guilt, understood by the author in a controversial way since his reading is not fit within the standards of Christian philosophy, especially the one consolidated by Augustine.

Key Words: Kierkegaard; Anxiety; Freedom.

Referências

AGOSTINHO. *O Livre-arbítrio*. São Paulo: Paulus, 1995.

KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de Angústia: Uma simples reflexão psicológico-demostrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis*. Rio de Janeiro: Vozes; São Paulo: São Francisco, 2010.

MARINO, Gordon. *Anxiety in The Concept of Anxiety*. IN: HANNAY, Alastair; MARINO, Gordon. *The Cambridge Companion to Kierkegaard*. Australia: Cambridge University Press, 1998.

ROSS, Jonas. *Angústia e pecado original em O Conceito de Angústia: uma interpretação*. IN: ALMEIDA, Jorge M; PAULA, Marcio G; REDYSON, Dayve. *Søren Kierkegaard no Brasil*: festschrift em homenagem a Álvaro Valls. João Pessoa: Ideia, 2007.

STEWART, Jon. *Kierkegaard`s relation to Hegel reconsidered*. Nova York: Cambridge University Press, 2003.